

# PREFIXOS, PREPOSIÇÕES E HETEROSSEMIA

Maria Lucia Leitão de Almeida<sup>1</sup>  
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Janderson Lemos de Souza<sup>2</sup>  
(Universidade Federal do Estado de São Paulo)

**RESUMO:** Neste artigo, retomamos a corrente da Linguística Cognitiva que aborda o significado com base no conceito de *frame* e defendemos a tese segundo a qual um padrão de formação lexical que inclua um prefixo reflete a mesma distribuição semântica que um sintagma preposicional. Em ambas as construções gramaticais, entendemos que o formativo livre estabelece um *frame* e o formativo não livre determina um ponto de vista sobre o *frame*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Semântica; Morfologia; Heterossemia.

## APRESENTAÇÃO

A Linguística Cognitiva busca “(...) a comprehensive and unified view of linguistic organization characterized in terms of cognitive processing” (Langacker, 1987:1). Nesse quadro, explica-se o entendimento entre os falantes em interação sem o recurso da Semântica Formal à verdade e à referência, e sim como compartilhamento da experiência: “Linguistic expressions help set up and identify space elements, but do not *refer* to them” (Fauconnier, 1994: 152).

Orientados por esse objetivo geral, retomamos a relação entre preposições e prefixos no português, tendo em vista caracterizá-la como um caso de heterossemia mediante o deslocamento do foco da forma para o significado em “uma abordagem integrada” ao comportamento das preposições na sintaxe e ao comportamento dos prefixos na morfologia.

“Within such an approach, words and word senses are not related to each other directly, word to word, but only by way of the links to common background frames and indications of the manner in which their meanings highlight particular elements of such frames.” (Fillmore & Atkins, 1992: 76)

Nas próximas seções, apresentamos o conceito de *frame* em sua formulação original e a pertinência desse conceito ao fenômeno estudado; remetemos às relações entre esse conceito e o de modelo cognitivo idealizado (MCI) e o de esquema imagético, tendo em vista destacar o papel do conhecimento enciclopédico e o sentido estrito de *frame*; apresentamos o conceito de heterossemia em sua formulação original e a leitura que nos parece permitir redefinir a relação entre preposições e prefixos como uma relação com motivação semântica e consequência morfológica; e concluímos por considerar preposições e prefixos como categorias que exercem a função de indicar perspectiva sobre um *frame*.

---

<sup>1</sup> Professora Associada da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Professor Adjunto da Universidade Federal de São Paulo.

## Prefixos, preposições e heterossemia

### 1. OS SENTIDOS DE *FRAME*

Geeraerts (2010) chama a atenção para o convívio de dois conceitos de *frame* na literatura especializada:

“In the broadest sense, (...) the notion of ‘frame’ is largely synonymous with that of Idealized Cognitive Model, referring in general to the knowledge structures that embody our thinking about the world. In the more restricted sense, it refers to a specific type of knowledge organization in the lexicon.” (p. 225)

A distinção entre o sentido amplo e o estrito corresponde à distinção entre dois níveis de análise semântica:

“On the one hand, a description of the referential situation or event consists of an identification of the relevant elements and entities and the conceptual role they play in the situation or event. On the other hand, the more purely linguistic part of the analysis indicates how certain expressions and grammatical patterns highlight aspects of that situation or event. In an early stage of the frame theory, the two levels of description were terminologically conveniently distinguished by the terms ‘scene’ and ‘frame’ respectively. The scene was the underlying conceptual structure, whereas the notion of frame referred to the grammatical patterns highlighting parts of the scene. In later developments of the theory however, the terminological distinction was abandoned, and only the term ‘frame’ remained in use.” (p. 225)

A adequação de preservar a distinção entre esses dois níveis de análise semântica se revela especial aos objetivos deste artigo, pois acrescentamos à concepção original de que sentenças indicam a perspectiva com que um conceptualizador se projeta na cena a concepção de que, internamente à sentença, também há a indicação de perspectiva, exercida por preposições e/ou prefixos sobre o *frame* evocado pela cena a que a sentença corresponde. Está, portanto, em jogo a contribuição da semântica lexical para a construção do ponto de vista:

“Nos termos de LANGACKER (1987), a perspectiva adotada para a conceptualização de uma cena é denominada ponto de vantagem (PV). As expressões ‘na frente’ e ‘atrás’, por exemplo, costumam ser interpretadas, tomando-se a localização do falante como ponto de vista implícito”. (Ferrari, 2009: 14)

“O que se verifica, portanto, é que não é simplesmente o cenário descrito que determina as escolhas linguísticas, mas o ponto de vista adotado pelo falante, ou ainda, o ponto de vantagem para o qual o falante se projeta mentalmente.” (Ferrari, 2009: 15)

Dado que o PV (que aqui tomamos como ‘ponto de vista’ ou ‘perspectiva’, e não como ‘ponto de vantagem’) é estabelecido numa cena, adotamos o sentido estrito de *frame*, que se distingue do de cena, não o inclui.

Em resposta às críticas a Fillmore (1968), Fillmore (1987) afirma:

“I will instead propose a new interpretation of the role of cases within a theory of grammar and a new method of investigating the question of their number and identity. I consider this new interpretation as a position in the theory of

## Maria Lucia Leitão de Almeida & Janderson Lemos de Souza

grammatical relations and as a position in semantic theory with which one could associate this slogan: MEANINGS ARE RELATIVIZED TO SCENES.” (p. 59)

A partir de então, o *slogan* SIGNIFICADOS SÃO RELATIVIZADOS A CENAS passou a ser repetido *ad nauseam*, inclusive com o equívoco de supor-se ter nascido na linguística cognitiva, e sem contemplar a complexidade de seu papel na construção de uma teoria dos “princípios de seleção de sujeito”, termo do autor, no quadro gerativista nem o caráter pretendido pelo autor como:

“(…) a fourth way of looking at the functional structure of the parts of sentences, something for which such words as ORIENTATION and PERSPECTIVE suggest what I have in mind. The parts of a message can be divided into those that are ‘in perspective’ and those that are ‘out of perspective’. My current position is that it is the orientational or perspectival structuring of a message which provides the subject matter for the theory of cases, and that the case notion figures very differently in grammatical description from what I originally had in mind.” (p. 60-61)

O autor está remetendo às proposições que formulara em 1968, especialmente à que explicava a atribuição do caso nominativo ao estabelecimento de uma “relação pura”.<sup>3</sup> A quarta forma a que se refere deve ser entendida em adição à gramatical (em que se situam categorias como “sujeito” e “objeto”), à retórica (em que se situam categorias “tópico” e “comentário”) e à semântica (em que se situam categorias como “agente” e “paciente”). Agora é a estrutura argumental que se organiza a partir da saliência de papéis semânticos, sendo o papel “agente” o que mais tende a ser focalizado e a corresponder ao caso nominativo, resguardada a hipótese de ser subfocalizado.

O exemplo que o autor apresenta se tornou tão famoso quanto o *slogan*: o evento comercial:

“One of the individuals in the commercial event – the buyer – hands over some money and takes the goods; the other – the seller – surrenders the goods and takes the money. A complete description of the commercial event would identify the buyer, the seller, the money, and the goods. A prototypic commercial event involves all of these things, but any single clause that we construct in talking about such an event requires us to choose one particular perspective on the event. In the usage that I suggest, any verb identifying any particular aspect of the commercial event will constrain us to bring one or more of the entities in the event INTO PERSPECTIVE, the manifestation of this choice for English being the selection of grammatical functions corresponding to the notions of underlying subject and direct object.” (p. 72)

E está a serviço de uma tese forte: qualquer escolha lexical ou sintática embute uma perspectiva sobre uma cena. Com isso, “The study of semantics is the study of the cognitive scenes that are created or activated by utterances” (p. 73). Uma sucessão de eventos, fenômenos do mundo, constrói cenas, fenômenos cognitivos de base experiencial, que, por sua vez, correspondem a *frames*, conhecimentos compartilhados na tessitura das línguas.

---

<sup>3</sup> Em 1968, o autor entendia que, havendo mais de um SN na sentença, o fato de um e não outro ganhar caso nominativo se devia ao estabelecimento de uma relação pura (não mediada) entre esse SN e o nó mais alto, que, na época, era S, e não SV, como hoje. Em 1977, o autor entendia que o mesmo fato se devia à saliência do elemento da cena descrito por esse SN.

## Prefixos, preposições e heterossemia

“I intend to use the word scene – a word I am not completely happy with – in a maximally general sense, to include not only visual scenes but familiar kinds of interpersonal transactions, standard scenarios, familiar layouts, institutional structures, enactive experiences, body image; and, in general, any kind of coherent segment, large or small, of human beliefs, actions, experiences, or imaginings. I intend to use the word frame for referring to any system of linguistic choices (the easiest cases being collections of words, but also including choices of grammatical rules or grammatical categories) that can get associated with prototypical instances of scenes (...) I would like to say that scenes and frames, in the minds of people who have learned the association between them, *activate* each other; and that, furthermore, frames are associated in memory with other frames by virtue of shared linguistic material, and that scenes are associated with other scenes by virtue of sameness or similarity of the entities or relations or substances in them or their contexts of occurrence.” (p. 63)

Como Geeraerts (2010) reconhece e enfatiza, a concepção de significado em questão é de natureza enciclopédica, o que se revela no entendimento de que “(...) frame theory is specifically interested in the way in which language may be used to perspectivize an underlying conceptualization of the world (...)” (p. 225). Em consonância com tal concepção de significado, nossa proposta consiste em conceber a combinação de um prefixo para a criação de uma nova unidade lexical como a compatibilização do *frame* estabelecido pela forma livre (a base, nos termos do lexicalismo gerativo) com o ponto de vista determinado pela forma não livre (o prefixo), exatamente como na formação de um sintagma preposicional, em que a preposição está para o prefixo assim como o SD/DP está para a base.

O que está em jogo é a perspectiva de um conceptualizador numa cena, atribuída por Fillmore à sentença, unidade de análise da teoria gerativa. Como, em linguística cognitiva, a sentença não é considerada como projeção da grade argumental de um predicador, e sim o reflexo da perspectiva assumida pelo conceptualizador nos termos da cena comercial descrita acima, a composicionalidade em questão deixa de ser a de traços lexicais. Nossa proposta é que seja tomada como a de outras indicações de perspectiva, por preposições e prefixos.

## 2. MODELOS COGNITIVOS IDEALIZADOS E *FRAMES*

A influência de Fillmore na formulação do conceito de MCI é reconhecida por Lakoff (1987):

“Each ICM is a complex structured whole, a gestalt, which uses four kinds of structuring principles:

- propositional structure, as in Fillmore’s frames
- image-schematic structure, as in Langacker’s cognitive grammar
- metaphoric mappings, as described by Lakoff and Johnson
- metonymic mappings, as described by Lakoff and Johnson” (p. 68)

Para o autor, os esquemas imagéticos são: CONTINENTE (em que os elementos estruturais são “interior”, “fronteira” e “exterior”), PARTE-TODO (em que os elementos estruturais são “um todo”, “partes” e “uma configuração”), LIGAÇÃO (em que os elementos estruturais são “duas entidades, A e B” e “ligação entre elas”), CENTRO-PERIFERIA (em que

## Maria Lucia Leitão de Almeida & Janderson Lemos de Souza

os elementos estruturais são “uma entidade”, “um centro” e “uma periferia”) e ORIGEM-CAMINHO-ALVO (em que os elementos estruturais são “uma fonte”, “um destino”, “um caminho” e “uma direção”).

“Other image schemas include an up-down schema, a front-back schema, a linear order schema, etc. At present, the range of existing schemas and their properties is still being studied. Image schemas provide particularly important evidence for the claim that abstract reason is a matter of two things: (a) reason based on bodily experience, and (b) metaphorical projections from concrete to abstract domains.” (Lakoff, 1987: 275)

Croft & Cruse (2004) acrescentam que:

“Perspective, especially deixis, is perhaps the most obvious and most commented upon of the construal operations. Particularly for spatial descriptions, perspective is essential, and its dependence on the relative position and viewpoint of the speaker is well known. But perspective is also found in non spatial domains: we have a perspective based on our knowledge, belief and attitudes as well as our spatiotemporal location. The closest cognitive property to perspective taken broadly is probably the philosophical notion of our **situatedness** in the world in a particular location – where location must be construed broadly to include temporal, epistemic and cultural context as well as spatial location.” (p. 58)

Dessa forma, temos a presença constante da experiência corpórea desde a cena em Fillmore, para quem perspectiva e orientação já são elementos-chave, até a situacionalidade em Croft & Cruse, passando pela participação dos esquemas imagéticos nos MCIs em Lakoff. O conceito de preposição como palavra relacional desde a tradição corresponde, nos termos aqui reunidos, à indicação da perspectiva em que o conceptualizador se projeta na cena, só que em nível interno ao da sentença, enfatizado por Fillmore. O prefixo, como correspondente da preposição, estaria, então, a serviço da mesma função no âmbito da morfologia.

Peeters (2000) refez esse percurso conceitual com especial erudição, rastreando posições sobre o conhecimento enciclopédico na construção de uma teoria semântica. Citações que incluem citações são sempre arriscadas, mas esta nos parece corroborar as associações que vimos estabelecendo:

“According to Allan (1995:294), concepts such as Fauconnier’s ‘mental spaces’ (e.g. Fauconnier 1994), Lakoff’s ‘idealized cognitive models’ (or ICM’s; e.g. Lakoff 1987), and Fillmore’s ‘frames’ (e.g. Fillmore 1982, 1985) ‘are by no means all identical, but they call extensively upon encyclopedic knowledge’ (cf. also Allan 1992:357).” (p. 4)

Neste artigo, tais conceitos são retomados de modo a deslocar o foco da formação de uma categoria de formas (prefixos) a partir de outra categoria de formas (preposições) para a motivação semântica (perspectivizar) de que estão a serviço ambas as categorias de formas. A relação entre categorias de formas sob a mesma motivação semântica nos parece corresponder ao conceito de heterossemia, conforme pretendemos esclarecer na próxima seção.

## Prefixos, preposições e heterossemia

### 3. HETEROSSEMIA NOS PARES PREPOSIÇÃO-PREFIXO

A existência de pares preposição-prefixo em português é objeto de uma discussão sobre o lugar da prefixação na derivação ou na composição. A posição de Mattoso Câmara nessa discussão se tornou clássica:

“Os prefixos aí são de natureza lexical; como variantes de preposições sob o aspecto de formas presas<sup>4</sup>, se associam com um semantema principal, como *pre-* no port. *prever* (...), introduzindo no conjunto uma idéia subsidiária, que cria para o semantema uma significação nova. É por isso que devemos considerar perfeitamente legítima a antiga norma das nossas gramáticas de separar o estudo dos prefixos do dos sufixos, considerando aqueles ‘elementos de composição’, ao contrário de alguns autores modernos, que falam em ‘derivação sufixal e prefixal’ em português.” (Câmara Jr.,1989:102)

A nosso ver, a discussão envolve o compromisso com a categorização clássica, que toma derivação e composição como categorias discretas, e com o foco na forma. O foco no significado nos leva a considerar a relação entre preposições e prefixos como consequência da mesma motivação semântica.

O conceito que nos parece melhor exprimir esse tipo de relação é o de heterossemia, elaborado no quadro funcionalista. Lichtenberk (1991) emprega o conceito em referência a “(...) casos (dentro de uma dada língua) em que dois ou mais significados ou funções que são historicamente relacionados, no sentido de derivarem da mesma fonte última, são sustentados por reflexos dessa fonte que se encontram em diferentes categorias morfosintáticas” (p. 476). O conceito de heterossemia prevê “(...) até aqueles casos em que os reflexos da fonte comum não são fonologicamente idênticos (...)” (p. 476).

Ao tomar os prefixos como as contrapartes presas das preposições, Câmara Jr. observa, em nota, que nem sempre a forma dependente original está presente na língua, assim como Lichtenberk (1991) observa, também em nota, que não considera necessário para a caracterização de um caso de heterossemia que haja relações derivacionais sincrônicas, nem que o uso da fonte ainda esteja vivo na língua, tampouco que se identifique um sentido comum essencial.<sup>5</sup> Parece-nos que os dois autores capturaram o mesmo fenômeno a partir de ângulos diferentes: Câmara Jr. com foco na forma, Lichtenberk com foco no significado.

---

<sup>4</sup> Nota do autor: “Às vezes a forma dependente, que corresponderia à preposição como tal, falta no estado atual da língua.”

<sup>5</sup> Booij (2010: 62-63) entende que “É um fenômeno recorrente entre línguas que interpretações específicas de itens polissêmicos sejam vinculadas a construções particulares, morfológicas ou sintáticas.” O autor, apesar de reconhecer que o fenômeno é o de heterossemia nos termos de Lichtenberk (1991), está enfocando o que nos parece ser outra dimensão da heterossemia, que diz respeito à polissemia como categorização de significados (cf. Lakoff, 1987), objeto de outro artigo nesta edição dos Cadernos do NEMP. Um construto, instanciação de uma construção, pode ter sua polissemia organizada pela heterossemia, ou seja, evocar significados que estão em diferentes categorias semânticas. Na dimensão que estamos enfocando neste artigo, a heterossemia, ao distribuir formas em diferentes categorias a partir da mesma motivação semântica, organiza a categorização de formas. Seja na dimensão semântica, seja na dimensão formal, o modelo de categorização pressuposto é o radial, conforme o quadro cognitivista adotado para reler Lichtenberk (1991) em seu contexto original, funcionalista.

**Maria Lucia Leitão de Almeida & Janderson Lemos de Souza**

Lichtenberk (1991, p. 477) não considera “(...) que se possa sempre estabelecer uma distinção precisa entre elementos lexicais e gramaticais. Um elemento lexical que esteja passando por gramaticalização pode exibir certas propriedades novas – semânticas e formais – e, ao mesmo tempo, reter algumas das propriedades originais”. Essa postura converge com a de Langacker (1987):

“Cognitive grammar, by contrast, claims that lexicon, morphology, and syntax form a continuum of symbolic units serving to structure conceptual content for expressive purposes. It is incoherent in this view to speak of grammar in isolation from meaning, and the segmentation of grammatical structure into discrete components is rejected.” (p. 35)

Portanto, desde Fillmore (1982), que já propunha uma teoria do significado com base na categorização por protótipo, a Lichtenberk (1991), que rejeita a ideia de distinção precisa entre propriedades gramaticais e propriedades lexicais, passando por Langacker (1987), que rejeita a oposição entre o gramatical e o semântico, estamos no caminho oposto ao da categorização clássica. Neste caminho, a formação dos pares preposição-prefixo no português nos parece consistir numa manifestação da heterossemia, a que distribui a mesma função semântica em diferentes categorias formais.

A tabela 1 exhibe os casos em que preposições correspondem a prefixos e os casos em que não:

## Prefixos, preposições e heterossemia

Preposição	prefixo	Exemplo
<b>A</b>	(ab-)	<b>abduzir, ablativo</b>
<b>A</b>	(ad-)	<b>aduzir, administrar</b>
<b>Ante</b>	ante-	<b>anteprojeto, antever</b>
<b>Após</b>	(a)pos-	<b>apoféria, apospasma, pós-graduação</b>
<b>Até</b>	-	-
<b>Com</b>	co(m)-	<b>comprazer, coautor</b>
<b>Contra</b>	contra-	<b>contravalor, contravapor</b>
<b>De</b>	de-	<b>decolorar, decompor</b>
<b>Desde</b>	-	-
<b>Em</b>	em- (in-)	<b>embaixo, empostar, influir</b>
<b>Entre</b>	entre- (inter-)	<b>entreabrir, einternacional</b>
<b>Para</b>	-	-
<b>Perante</b>	-	-
<b>por (per)</b>	por- (per-)	<b>percorrer, porfiador</b>
<b>Sem</b>	sem-	<b>sem-terra, sem-teto</b>
<b>Sob</b>	sob- (sub-)	<b>sobposto, subjugar</b>
<b>Sobre</b>	sobre- (super-)	<b>sobrepôr, supervalorizar</b>
<b>Trás</b>	-	-

*Tabela 1: Pares preposição-prefixo*

Por outro lado, há prefixos que não correspondem a preposições, como pre-, re- e anti-. Tanto entre os prefixos que correspondem a preposições quanto entre os que não correspondem, há os que Schwindt (2001) classifica como legítimos (os átonos) e os que classifica como composicionais (os que se comportam como palavras fonológicas), o que dissocia a correspondência a preposições do comportamento fonológico dos prefixos.

Gonçalves (2012) retoma discussão sobre o lugar da prefixação na derivação ou na composição para defender a adoção da categorização radial dos processos de formação de palavras. Trata-se de um olhar sobre a derivação e a composição como categorias em *continuum*, o que condiz com a linguística cognitiva. Nosso olhar aqui é sobre os pares

*Cadernos do NEMP, n. 6, v. 1, 2015, p. 05-16.*



## Maria Lucia Leitão de Almeida & Janderson Lemos de Souza

preposição-prefixo como um exemplo de relação entre categorias formais diferentes sob a mesma motivação semântica, relação que aqui defendemos caracterizar-se como um dos casos de heterossemia. A combinação da proposta de Gonçalves (2012) com a nossa esboça uma teoria morfológica em que a heterossemia distribui formas em categorias (no caso, a categoria preposição e a categoria prefixo) por motivação semântica, e as categorias participam de processos, tomados como categorias, que, por sua vez, se distinguem por gradiência, e não por dicotomia.

Diferentemente, trabalhos que partem da tradição de estudos morfológicos costumam absorver princípios de análise semântica, mas não conseguem superar os limites impostos pelo foco na forma nem se libertar da concepção de significado como propriedade da forma, o “conteúdo semântico”, o “traço”. Já trabalhos que partem da tradição de estudos semânticos costumam analisar a forma em termos datados, como “morfema”, como se a Morfologia não incluisse uma longa discussão sobre qual é sua unidade de análise, ou se deter na descrição de “(...) elementos muito diferentes em termos de estrutura, funcionamento e uso” (Gonçalves, 2001b, p. 16).

Kastovsky (2009), por exemplo, retoma a longa tradição de classificação das formas combinantes (*combining forms*), tendo em vista a distinção entre formas combinantes iniciais e prefixos, assim como entre formas combinantes finais e sufixos:

“The basic problem with these definitions is that the linguistic status of these elements was never really made clear in the *NED*, nor were there any criteria by means of which they could be distinguished from other types of lexical element such as words, roots, stems or affixes.” (p. 3)

Depois de retomar os autores que integram essa tradição e os critérios eleitos para a referida classificação, o autor defende o abandono da noção de forma combinante e a adoção da categorização radial, como Gonçalves (2012), para as noções já fornecidas pela teoria morfológica:

“(…) I have tried to show that the notion of ‘combining form’ introduced by the *OED* is not necessary. The categories of ‘word’, ‘stem’, ‘affix’, ‘affixoid’, ‘clipping’ and ‘blending’ necessary in word-formation for independent reasons are sufficient to deal with the formations in question. Moreover, it can be argued that compounding, affixation, clipping and blending should be regarded as prototypical patterns arranged on a scale of progressively less independent constituents ranging from word via stem, affixoids, affix, curtailed word/stem to splinters as constituents of blends, and finally acronyms (...)” (p. 12)

Temos, então, um trabalho de extrema erudição, que retoma uma longa tradição de estudos morfológicos, detalha as categorias morfológicas erguidas ao longo dessa tradição, atenta para processos não-concatenativos de formação de palavras e contribui para a limpeza conceitual-terminológica da área. No entanto, detém-se nessas categorias como produtos estruturados, sem alcançar os processos estruturantes de que resultam (Cf. Castilho, 2010). Avança no que tange ao modelo de categorização, mas o foco na forma impede o salto explanatório.

Já Lichtenberk (1991) propõe um conceito de natureza semântica que nos parece não somente explicar por que as formas são “(...) elementos de natureza diferente e com variados graus de incorporação ao sistema morfológico (...)” (Gonçalves, 2011b: 11), como também sustentar nossa proposta de associar a fixação do ponto de vista à não liberdade da

## Prefixos, preposições e heterossemia

forma, já que as perspectivas são limitadas pelo(s) esquema(s) imagético(s) em que o conceitualizador se projeta na cena.

Em outras palavras, um dos comportamentos dos prefixos, com ou sem preposições correspondentes, a “A alta recorrência dessas formas na produção de séries de palavras com significado relacionado” (Gonçalves, 2012: 147), é um dado (a) atribuído à produtividade pelo lexicalismo gerativo, comprometido com a categorização clássica; (b) usado como argumento a favor da inclusão da prefixação na esfera da derivação por morfólogos que, diferentemente de Gonçalves (2012), tomam a derivação e a composição como categorias estanques; e (c) aqui considerado como consequência da previsibilidade dos elementos estruturais que Lakoff (1987) associa a cada EI. Prefixos e preposições serem formas que manifestam significados historicamente relacionados, por sua vez, é um dado menos relevante para o rastreamento de formas que derivam de outras formas – “Hopper & Traugott (1993) mostram que a evolução de preposições a prefixos constitui trajetória de gramaticalização muito comum nas línguas, sendo tênues as fronteiras entre essas duas categorias” (Gonçalves, 2012: 146) – que para identificar a relação entre categorias de formas a partir da mesma motivação semântica (no caso, perspectivizar) por obra da heterossemia.

Na discussão conceitual que ora propomos, os EIs limitam os pontos de vista possíveis em relação a uma cena e, por isso, a expressão dos pontos de vista cabe a formas recorrentes. Tais formas serem não livres, por sua vez, se associa ao fato de formarem classes fechadas, ou seja, a não abertura dessas categorias à inclusão de novas formas se deve à limitação dos elementos que estruturam os EIs. Já o mundo é uma fonte ilimitada de cenas, que correspondem a inúmeros *frames*, e, por isso, a expressão dos *frames* cabe a formas livres, razão por que formam classes abertas.

Se “(...) há heterossemia se um verbo, uma partícula direcional e um marcador de aspecto descendem todos da mesma fonte histórica”<sup>6</sup>, então o foco pode recair sobre a classe das partículas e a dos marcadores como fenômenos que iluminam relações puramente formais ou pode recair sobre a motivação semântica que explica a relação entre as classes. Lichtenberk (1991) vislumbrou o conceito de heterossemia para descrever a formação de uma classe a partir de outra por gramaticalização. A leitura cognitivista que estamos fazendo do conceito aponta para a distribuição de significados – e, conseqüentemente, das formas – em diferentes categorias e para a convencionalização de perspectivas por preposições na sintaxe e por prefixos na morfologia.

Assim, preposições e prefixos se revelam como formas a serviço da mesma função semântica, que é perspectivizar. O que as distingue é o componente da gramática em que atuam, a sintaxe e a morfologia, componentes que guardam entre si uma relação não discreta e obedecem às mesmas operações semântico-cognitivas. O longamente conhecido fenômeno de regência verbal em que prefixos e preposições se encontram (concordar com, discordar de, envolver em etc.) ilustra, desse ponto de vista, um ponto da interface morfologia-sintaxe, a ser abordado em termos de heterossemia.

---

<sup>6</sup> “(...) there is heterosemy if a verb, a directional particle, and an aspect marker all ultimately descend from the same historical source.” (Lichtenberk, 1991, p. 476)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tradição oposição entre homonímia e polissemia não nos parece dar conta da descrição de pares como *canto* (substantivo) e *canto* (verbo) ou *andamos* (presente) e *andamos* (pretérito perfeito). O fato de que os membros dos pares têm a mesma origem exclui a hipótese de homonímia segundo o critério diacrônico. O fato de que guardam evidente relação semântica exclui a hipótese de homonímia segundo o critério sincrônico. O fato de que pertencem a diferentes categorias formais, sejam classes de palavras, sejam diferentes acidentes relativos à mesma classe de palavra, dificulta que sejam tratados como casos clássicos de polissemia.

Neste artigo, defendemos que os pares preposição-prefixo sejam tomados como os pares acima: produtos da heterossemia. Na releitura que ora propomos do conceito, uma das dimensões da heterossemia consiste no compartilhamento da mesma motivação semântica por diferentes categorias de formas. No caso dos pares preposição-prefixo, a motivação é fixar na gramática uma perspectiva em relação a *frames* estabelecidos no léxico, rejeitada a dicotomia entre léxico e gramática.

Para tanto, recuperamos os sentidos de *frame* na obra de Charles Fillmore, de modo a fundamentar a opção pelo sentido estrito, nos termos expostos por Dirk Geeraerts. Feito isso, retomamos a clássica discussão quanto à alocação da prefixação como parte da derivação ou da composição, tendo em vista promover um deslocamento de foco: do fato histórico que permite rastrear a formação de prefixos a partir de preposições para o fato cognitivo de que preposição e prefixo são as categorias formais responsáveis por perspectivar – a preposição na sintaxe, o prefixo no léxico – o que exige a dissolução de outra dicotomia, a que separa, em teorias em que a semântica tem papel interpretativo, os componentes da gramática.

## REFERÊNCIAS

- BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- BOOIJ, Geert. *Construction morphology*. Oxford, New York: Oxford University Press, 2010.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *Princípios de lingüística geral*. 7 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1989.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo, Contexto, 2010.
- CROFT, William & CRUSE, D. Alan. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- FERRARI, Lilian. Linguística Cognitiva: pesquisas recentes e aplicações interdisciplinares. In: Lilian Ferrari (Org.). *Espaços mentais e construções gramaticais: do uso linguístico à tecnologia*. Rio de Janeiro: Imprinta, 2009.
- FILLMORE, Charles. Scenes-and-frames semantics. In: Antonio Zampolli (Ed.). *Linguistic structures processing*. Amsterdam: North-Holland, 1977, p. 55-81.
- FILLMORE, Charles. Frame semantics. In: Linguistic Society of Korea(Ed.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin, 1982, p. 111-137.

## Prefixos, preposições e heterossemia

- FILLMORE, Charles & ATKINS, B. Toward a frame-based lexicon: the semantics of RISK and its neighbors. In: A. Lehrer & E. Kittay. *Frames, fields and contrasts*. Hillsdale, N. J.: Lawrence Erlbaum, 1992.
- GEERAERTS, Dirk. *Theories of lexical semantics*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre. Composição e derivação: polos prototípicos de um continuum? Pequeno estudo de casos. In: *Domínios da Linguagem*, nº 5, Uberlândia, 2011a.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre. Compostos neoclássicos: estrutura e formação. In: *REVEL – Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, nº 14, Porto Alegre, 2011b.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre. Prefixação: composição ou derivação? Novos enfoques sobre uma antiga polêmica. In: *Matraga*, vol. 19, nº 30, Rio de Janeiro, 2012.
- KASTOVSKY, Dieter. *Astronaut, astrology, astrophysics*: about combining forms, classical compounds and affixoids. In: R. W. McConchie, Alpo Honkapohja & Jukka Tyrkkö (Ed.). *Selected Proceedings of the 2008 Symposium on new approaches in English historical lexis (HELLEX 2)*. Somerville, MA: Cascadia Proceedings Project, 2009, p. 1-13.
- LANGACKER, Ronald. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Vol. I. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LAKOFF, George. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- LICHTENBERG, Frantisek. Semantic change and heterosemy in grammaticalization. In: *Language*, vol. 67, nº 3, 1991, p. 475-509.
- PEETERS, Bert. Setting the scene: some recent milestones in the lexicon-encyclopedia debate. In: Bert Peeters (Ed.). *Current research in the semantics / pragmatics interface*, 5. Oxford: Elsevier Science, 2000, p. 1-52.
- SCHWINDT, Luiz Carlos. O prefixo no português brasileiro: análise prosódica e lexical. In: *DELTA*, vol. 17, nº 2, São Paulo, 2001.

## PREFIXES, PREPOSITIONS E HETEROSEMY

**Abstract:** *In this article, we trace back to the trend of Cognitive Linguistics that bases meaning on the concept of frame, and we defend the thesis that a lexical pattern that includes a prefix reflects the same semantic distribution as a prepositional phrase. In both of those grammatical constructions, we assume that the free form sets a frame and the non-free form sets a perspective within the frame.*

**Key-words:** *Semantics; morphology; heterosemy.*